

# Brasil e FMI não fazem acordo e marcam nova reunião para hoje

BRASÍLIA — O Governo e a missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) não conseguiram ontem, em reunião que durou oito horas, chegar a um consenso sobre as novas metas econômicas a serem fixadas para o segundo semestre, informaram fontes que acompanham as negociações. Continuam as divergências, entre outros pontos, sobre a expansão monetária.

As conversações prosseguem hoje, quando se espera a definição dos principais pontos da quinta Carta de Intenções a ser enviada ao FMI, disseram as fontes. O encontro de ontem, no Palácio do Planalto, com os Ministros do Planejamento, Delfim Netto da Fazenda, Ernane Galvêas; e com o Presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, foi o mais longo da atual visita dos técnicos do Fundo.

O FMI não aprova novos impostos para cobrir os gastos do Governo e não concorda com a proposta brasileira de elevar, de 50 para cem por cento, as metas de crescimento da base monetária (emissão primária

de moeda) e dos meios de pagamento (dinheiro em poder do público mais depósitos à vista nos bancos) este ano. A missão insiste em fixar limites inferiores aos pretendidos pelas autoridades da área econômica.

Segundo o Secretário do Planejamento do Ministério do Planejamento, José Augusto Arantes Savasini, faltam apenas "alguns detalhes operacionais" para a conclusão da nova carta de Intenções.

O Chefe da missão do FMI, Thomas Reichamann, negou, à saída da reunião, divergências sobre as novas metas da base monetária e se disse "otimista" com as negociações, que devem terminar hoje, quando ele e seus colegas podem retornar a Washington. Reichamann explicou que a demora do encontro de ontem se deveu "ao processo normalmente lento de análise de vários dados e indicadores". Segundo ele, os entendimentos, que deveriam ter sido concluídos ontem, prosseguirão hoje apenas porque "é necessário

um aprofundamento das discussões em torno de alguns números".

O Ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, comentou que as negociações com o Fundo estão indo muito bem e garantiu que há grande convergência entre as projeções brasileiras e as do FMI sobre o comportamento da economia do País nos próximos meses. Recusou-se, entretanto, a dizer quais são estas previsões e a explicar por que a reunião demorou oito horas e não foi conclusiva.

Questionado sobre a expectativa de inflação para 84, informou que este não é um fator importante nas discussões com o Fundo, mas admitiu que as projeções do Governo sobre o desempenho da economia até o fim do ano vêm sendo feitas com base no índice de inflação usado na recente revisão do orçamento das empresas estatais. Recusou-se, no entanto, a revelar qual é esta previsão.

Galvêas disse que não está em cogitação um maior aperto na política monetária este semestre em relação ao período janeiro-junho.